

Queremos libertad: una vida en los Panteras Negras*

de Mumia Abu-Jamal

A criminalização da utopia revolucionária: uma aspiração à liberdade para todos os lutadores sociais encarcerados

por Eliel Machado**

Apesar de suas particularidades, o motor da história na pátria do Tio Sam é a luta de classes. Entre os anos 1950 e 1970, seus principais contornos giravam em torno da mobilização de vários setores sociais pela conquista de direitos civis. Entretanto, em meados dos anos 1960, o Partido Pantera Negra (*Black Panther Party*, BPP) era mais que isso, como nos revela Mumia Abu-Jamal em *Queremos libertad: una vida en los Panteras Negras*.

Jornalista e militante do BPP, Abu-Jamal o escreveu encarcerado na Filadélfia, onde cumpre pena desde 1981 sob acusação de assassinato de um policial branco. Inicialmente condenado à pena de morte, em 2001 a decisão foi revertida para prisão perpétua em função das apelações da defesa que alega forte racismo em todo procedimento jurídico e da ampla campanha internacional pela sua libertação.

Mesmo preso, Abu-Jamal fez doutorado na Universidade Estadual da Califórnia e transformou a sua tese no livro que ora temos acesso. Para quem iniciou a militância nos “Panteras” aos 15 anos, viveu os seus melhores e os seus piores momentos. Apesar de mais descritiva, esta obra é rica em detalhes do cotidiano da vida daqueles militantes. Talvez frustrate os leitores que esperam

* Barcelona: Virus Editorial, 2007. Tradução do inglês: Ambar J. Sewell. Título original: *We want freedom. A life in the Black Panther Party*. Cambridge: South End Press, 2004.

** Professor de Ciência Política da UEL, coordenador do Grupo de Estudos de Política da América Latina (GEPAL). End. eletrônico: elielmachado@uol.com.br

exames teóricos da complexa relação entre poder político, classes dominantes, *BPP* e questões étnico-raciais.

O Partido Pantera Negra para a Autodefesa foi fundado por dois jovens negros, Huey P. Newton e Bobby Seale, em 15 de outubro de 1966, e rebatizado posteriormente de Partido Pantera Negra.

Abu-Jamal recupera a história de opressão dos negros norte-americanos desde o século XVIII até os dias atuais para explicar as origens do radicalismo armado dos “Panteras”. Defende que o *BPP* era a antítese de Martin Luther King, pois não se tratava de um grupo de direitos civis, mas que luta pela constituição de um novo Estado-nação.

Entre 1965 e 1967, os EUA foram palco de inúmeros conflitos entre os negros pobres dos guetos e a polícia predominantemente branca e racista. Segundo Abu-Jamal, só no ano de 1967 foram 123 “revoltas” desorganizadas e incoerentes, sobre as quais o *BPP* teve o papel político de organizá-las e introduzir uma alternativa revolucionária. Estes episódios também serviram para demarcar as orientações políticas entre as principais lideranças do movimento negro norte-americano. De um lado, Martin Luther King, com seu discurso doce e etéreo, e, de outro, Malcolm X, mais mordaz e perspicaz. Além dos “Panteras”, havia inúmeros outros grupos que disputavam a organização dos negros, como o Exército Negro de Libertação (*Black Liberation Army*), Frente Negro Unido de Libertação (*Black United Liberation Front*), Partido Operário Socialista (*Socialista Workers Party*) etc.

Não obstante o *BPP* tenha sido a maior organização revolucionária dentro dos EUA, presente em mais de 40 cidades, incluindo Los Angeles, Chicago e Nova Iorque (Abu-Jamal, 2007: 294), no momento de sua fundação era um partido mais malcolmista que marxista (2007: 100). Ao longo de sua trajetória cultivou simpatias ideológicas pelas revoluções chinesa, cubana, russa, vietnamita, argelina. Mesmo se autoproclamando marxista-leninista, segundo Abu-Jamal, eram poucos os militantes que estudaram os clássicos do marxismo. Aliás, o Partido não exigia que fossem estudados, o que não impediu que algumas lideranças os estudassem. Entre os principais autores influentes na formação ideológica daqueles jovens entre 17 e 22 anos, encontravam-se Mao Tse-tung (*O livro vermelho*), Lênin, Frantz Fanon (*Os condenados da terra*), Che Guevara. O livro vermelho, vendido pelos militantes no formato de “livro de bolso” por um dólar, cumpria pelo menos dois papéis: era uma forma de se aproximarem de outros grupos radicais brancos e uma fonte de recursos para comprar armas. Com isso, o *BPP* foi o primeiro grupo armado a desenvolver nacionalmente patrulhas de controle policial (Abu-Jamal, 2007: 73).

O autor dedica um capítulo às mulheres “Panteras” que, em 1967, representavam em torno 60% da militância. Destaca, ainda, que muitas delas ocupavam os altos escalões do partido, como foi o caso de Kathleen Cleaver (Secretaria das Comunicações do Comitê Central). Mas, curiosamente não há uma única menção à Angela Davis, presa em agosto de 1970, acusada de fornecer as armas utilizadas no ato dentro Assembléia Legislativa da Califórnia, quando os “Panteras” entraram armados no plenário em protesto contra a aprovação da lei que proibiria os cidadãos americanos de portarem armas nas ruas. Todos os “Panteras” que participaram da ação foram presos e Angela Davis amargou 17 meses de prisão.

Mumia Abu-Jamal dá grande destaque ao processo de destruição do partido pelos órgãos de repressão, principalmente pelo FBI (*Federal Bureau of Investigation*). Embora não se utilize destes termos, mas pode-se dizer que o governo norte-americano desferiu seu verdadeiro ódio de classe contra os “Panteras”. Para isso, o FBI se valeu de todos os meios disponíveis, legais e ilegais. O Estado norte-americano promoveu um verdadeiro terrorismo estatal ao semear o medo, a desconfiança e a mentira entre os militantes. O fracasso dos “Panteras” não se deveu apenas ao êxito do FBI: a sua ingenuidade legalista também contribuiu para a sua derrota ao considerar que o Estado só agiria dentro da lei (Abu-Jamal, 2007: 279). Esta ingenuidade não os impediu de atos de audácia revolucionária.

Como partido revolucionário, antiimperialista, anti-racista e internacionalista, não hesitou em apoiar a luta dos palestinos e dos vietnamitas. Encabeçou resistências internas ao envio de tropas para o Vietnã e lutou ao lado dos que se manifestaram contra aquela guerra: “Nuestras luchas son una sola lucha, contra el imperialismo y el capitalismo, por eso son inseparables” (Abu-Jamal, 2007: 149). E, mais adiante, afirma: “El Partido Pantera Negra se opuso a la guerra, como hicieron muchos otros. Pero ningún grupo antiguerra fue tan lejos como los Panteras Negras, que llegó a ofrecer tropas a la República Popular del Vietnam” (idem: 152-153). Esta proposta foi bem recepcionada pelo Exército Popular de Libertação do Vietnã do Sul. O BPP ainda chegou a se oferecer para trocar “Panteras” encarcerados por oficiais ou soldados do exército dos EUA capturados e sob custódia da Frente Nacional de Libertação.

A ousadia do BPP não se resumia à proposta de enviar tropas ao Vietnã nem à formação de patrulhas de controle policial. Ele também desenvolvia diversos programas sociais nos guetos, algo que preocupava o governo. Mas, ao contrário de muitas ONGs atuais, tinham por objetivo politizar e radicalizar as pessoas e, ao mesmo tempo, servir às suas necessidades básicas, como alimentá-las e vesti-las. Esses programas lembram algumas práticas de movimentos sociais, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), MTST (Movimento

dos Trabalhadores Sem Teto) e os piqueteiros. Talvez com a diferença de que os “Panteras” se constituíam como partido político e não como movimento social propriamente dito. E assumiam que lutavam por um Estado-nação negro, independente e socialista (Abu-Jamal, 2007: 29).

A derrota do *BPP*, no final dos anos 1970 e início dos 1980, não significou o encerramento das lutas sociais nos EUA. Ao contrário, abriu mais um novo ciclo de resistências ao imperialismo e em defesa do socialismo, como se pode observar nos inúmeros movimentos existentes naquele país na atualidade.

Liberdade para Mumia Abu-Jamal!

Liberdade para todos os lutadores sociais encarcerados!